

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno em 52 numeros	28500 réis
Semestre ou 26 numeros	14300 >
Trimestre ou 13	700 >
Avulso	80 >

— ANNO I — 20 DE MARÇO DE 1881 — N.º 5 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA
BRAZIL

Anno em 52 numeros	75000 réis
Semestre ou 26 numeros	42000 >
Trimestre ou 13	26000 >
Avulso	200 >

SUMMARY

Gravuras: — Lembranças da mocidade; S. Vicente de Paulo; A gruta de Luray (Virginia); Vista da cidade do Urgbu.

Texto: — As nossas gravuras por Pinheiro Chagas; Os productos da natureza por Carlos Sepulveda; Uma festa de beneficencia no Palacio de Chrystal do Porto por Gastão Mesnier; Cephalopodio gigante capturado na costa da Terra Nova; O crime de Rivecourt, trad. de Cunha e Sá.

AS NOSSAS GRAVURAS

LEMBRANÇAS DA MOCIDADE. — Um delicioso pôr do sol que bem deixa ver que foi suavissima a aurora! Figuram tres personagens no quadro. O que fuma o seu cachimbo é visivelmente

com o seu riso triumphante e orgulhoso, recorda á sua velha companheira o tempo longuico em que elle lhe fazia a côrte, e em que ella, resplandecente de viço e de mocidade, rubra de pudor e de enleio, lhe apertava furtivamente a mão ao sair da missa aldeã, ou lhe apparecia

— Lembras-te, Maria, parece dizer-lhe o honrado velho, como tu enganavas a boa da velhota, fingindo que sentias chorar a tua irmã pequena, para vires ao quarto, abrires de corrida a janella, e dizes-me de passagem: Amanhã vamos a uma romaria.



LEMBRANÇAS DA MOCIDADE

um simples espectador. Assiste, risonho e contente, á scena intima! O hom do velho marido,

de noite á janella, usando de mil estratagemas para explicar á mãe a sua ausencia momentanea.

E o visinho ri tambem com ar magano, e ella, sorrindo, finge que deita abaixo a chavena de chá

ou de café que está saboreando, para evitar assim o responder directamente ás observações maliciosas do marido.

Quadro delicioso, e que não tem menos encanto do que teria o quadro da propria mocidade, cujas recordações aqui se corôam. É bello de certo ver dois noivos que se adoram, e em cujos labios e em cujos olhos resplendem as flores e os sóes das primaveras! É delicioso vel-os inclinarem um para o outro as suas cabeças juvenis, enlearem os seus cabellos loiros ou negros, e encerrarem n'um beijo um poema inteiro de felicidade! Mas cada estação tem as suas bellezas proprias, e os lindos dias de inverno não são menos encantadores do que os formosos dias de maio.

E esse quadro tem verdadeiramente o aspecto de um formoso dia de inverno, em que, aos raios de um limpido sol resplandecendo n'um céu de um azul purissimo, a natureza inteira parece rejuvenescer e vestir de novo por um momento as galas da primavera, em que as ultimas flores dos campos exhalam ainda um debil mas suavissimo perfume. É um raio d'esse sol de inverno o que anima e alegra suas cabeças brancas, e o derradeiro perfume que exhalam as flores d'aquellas boas e santas almas que se reflectem no olhar ainda limpido d'aquelles bons velhos, não é menos suave do que o aroma em que se desentranhavam, no alvorecer da vida, esses candidos espiritos.

É verdade que é ainda o amor, o amor-saudade, como fóra outr'ora o amor-esperança, que os illumina com um raio da sua luz benéfica, da mesma forma que é a mesma estrella — a estrella Venus — a que illumina os céus purpureados da aurora e os céus arroxeados do fim do dia.

PINHEIRO CHAGAS.

S. VICENTE DE PAULO. — No tempo em que o catholicismo triumphante já esquecera um pouco as virtudes evangelicas do seu periodo militante, appareceu um homem que realiso o austero ideal dos apóstolos, e que foi tambem um heroe de abnegação e de caridade.

Esse homem foi S. Vicente de Paulo.

A scena que a nossa gravura representa é uma das scenas mais tocantes da sua vida ou da sua lenda. Nomeado por Luiz XIII capellão-mór das galés foi visital-as incognito, e entre os forçados encontrou um, cujo destino o commoveu tanto que pediu para o ficar substituindo no cumprimento da sua pena, restituindo-se ao preso a sua liberdade. A troca foi acceita, e só algumas semanas depois é que S. Vicente de Paulo foi reconhecido e posto em liberdade.

É evidentemente legendaria a anedocta, porque na Europa do seculo XVII não se admittia de certo o que permittia a legislação barbara da China, a substituição de um culpado por um innocente para o cumprimento de uma pena, mas, seja qual fór a authenticidade do facto, traduz bem a impressão profunda que a ardente caridade de S. Vicente de Paulo deixára no animo dos seus contemporaneos.

A caridade foi a sua grande virtude, a caridade levada a estes extremos de abnegação. Viveu exclusivamente para derramar em torno de si a consolação e o bem-estar. Foi elle que cuidou das pobres creanças abandonadas, foi elle que inspirou a santas mulheres o pensamento de to-

das se consagrarem ao tratamento dos enfermos, á consolação dos afflictos. Por isso tambem nunca mais justamente se deu a um filho dos homens a aureola dos santos; porque nunca ninguem comprehendeu mais amplamente ás santas palavras do Evangelho, nunca ninguem soube reproduzir melhor os santos exemplos de virtude que Jesus Christo legou á humanidade. Aquelle sim! aquelle, para subir ao céu, não precisava de que o canonisasse o Pontifice: alavam-n'o ás mysticas regiões as suas proprias virtudes.

PINHEIRO CHAGAS.

A GRUTA DE LURAY (VIRGINIA). — A Virginia, um dos Estados Unidos da America septentrional, é limitada ao norte pela Pensylvania, ao oriente pelo Oceano Atlantico, ao sul pela Carolina do Norte, e ao occidente pelo Reutchy e Ohio.

A sua superficie pôde ser dividida em quatro secções:

1.^a Do lado do Atlantico, nos pontos, em que a maré entra nos rios, a região é baixa, arenosa, cheia de pantanos. Grande parte do solo é coberta de cedros e pinheiros, porém as margens dos rios são dotadas de uma vegetação caprichosa, e luxuriante. 2.^a D'ahi até as montanhas Azues torna-se o terreno accidentado, e muito superior ao das terras baixas. 3.^a No valle comprehendido entre as montanhas Azues e o Alleghany, ha um enorme leito de calcareo, sendo o solo fertilissimo em cereaes e em trevo vermelho. 4.^a A parte, que fica entre as montanhas e o Ohio apresenta uma superficie muito accidentada e geralmente esteril. O terreno é plano em poucos pontos, excepto na costa oriental da bahia de Chesapeake e nas embocaduras dos rios. A oeste da bahia eleva-se gradualmente para constituir montes e valles. A parte central é uma vasta planicie, que se ergue por vezes em cumes pittorescos, entre os quaes serpeiam valles uberimos e formosissimos. Ao occidente dos Alleghany, o solo é montanhoso e accidentado, continuando a maior porção de terreno a ser revestida pelas suas bellas florestas primitivas.

Caminhando para o Ohio encontram-se todas as arvores, arbustos e hervas indigenas dos Estados Unidos, e bem assim as produções cultivadas nos Estados do Norte e do Sul, constituindo o tabaco e o trigo as colheitas mais abundantes e rendosas.

Nos bosques d'este Estado vive o gamo commum, vulgarmente conhecido pelo nome de gamo da Virginia, e entre as familias ou tribus enplumadas, que os habitam, distinguem-se o grou, a codorniz, uma especie de abutres chamados *turkey buzzards*, e os passaros, a que os francezes dão o nome de *moqueurs*, e que tem a propriedade de imitar a voz humana.

A região occidental do Estado contém calcareo e gesso.

Ha por toda a parte minas de ferro da melhor qualidade, e as de chumbo são largamente exploradas em Wythe.

Tambem existe hulha bituminosa ao occidente das montanhas, e na região oriental encontra-se calcareo, que em diversos pontos, entre o Potomac e o rio James, produz excellente marmore.

Tambem se encontram minas de ferro, plumbagina, hulha, cobre e ouro, sendo este metal explorado no territorio que se estende de Frede-

ricksburgo através da Virginia e os Estados, que a limitam pelo sul.

A sua grande extensão e as irregularidades de superficie dão ao Estado, de que vamos escrevendo, uma grande variedade de climas.

A Virginia dispõe inquestionavelmente de innumerables condições favoraveis á industria fabril: trabalho baratissimo, inexgotaveis provisões de combustivel, uma espantosa força hydraulica, e, apesar de tudo isto, as transacções commerciaes cifram-se quasi exclusivamente na exportação de productos agricolas.

Por occasião da guerra da Independencia, a Virginia, sem ter sido invadida nem ameaçada, julgou dever intervir a favor das colonias revoltadas contra a metropole, e á sua intervenção deveram os combatentes do novo mundo terem tido por chefe o immortal Washington. Dos cinco primeiros presidentes da União quatro foram escolhidos entre os virginianos; e só não era natural da Virginia o unico, a quem não foi concedida a honra de conservar o poder durante um segundo periodo.

Tudo é grande n'aquelle grande Estado. Até os phenomenos da natureza parece que se aprazem em assumir alli proporções extraordinarias.

A nossa gravura representa a gruta de Luray no Estado da Virginia, e que é considerada uma das maiores do mundo.

As paredes superiores e lateraes são deslumbrantes, encontrando-se a cada passo maravilhas e curiosidades, que excitam a admiração.

Á entrada da gruta ergue-se uma columna, que deve ter pelo menos quarenta pés de altura, e veem-se numerosas flechas, zimbórios, minarettes, espiraes elevadas e graciosas, que se enroscam por entre montões de pedra calcarea e de argila vermelha.

A *Columna do Sultão*, com o seu vertice coroadado por um turbante, a *Columna da Imperatriz* com os seus fustes elegantes e correctos, e a *Torre de Babel* com a sua esculptura singular e phantastica, não podem ser comparadas em belleza e magestade com a dupla columna, que se levanta no meio do *Banho das Naiades*. É formada por uma stalactite de cincoenta pés de comprimento e uma stalagmite de trinta pés de altura.

Em vez de constituirem diferentes pilastras, constituem uma só, conservando a stalactite e a stalagmite as suas particularidades de formas e de côres. A primeira desce da aboboda até ao solo em longas ranhuras não interrompidas, ao passo que a segunda vae subindo em pavimentos ou andares successivos, com series de pilastras delicadas, que os supportam.

Só esta columna basta para prender durante muitas horas a attenção do viajante.

E, para concluir, diremos que a *Sala dos Gigantes*, observada á luz de archotes, é um espectáculo sem rival entre os phenomenos da criação.

VISTA DA CIDADE DE URGUB. — A Cappadocia, região da Asia-Menor, corresponde hoje a uma parte dos rachaliks de Siva e de Caramama. É ali que se encontra, n'um valle dos mais accidentados, a estranha cidade, de que damos uma vista, e que constitue um phenomeno de que não ha exemplo em nenhum outro canto do mundo.

Effectivamente a pequena cidade de Urgub está sepultada entre os flancos verticaes d'um

potente banco de pedra pomes, e parece privada de dois elementos indispensaveis: agua e verdura. Havia n'este sitio, em tempos remotos, uma necropolis immensa onde os habitantes se estabeleceram, fazendo construcções novas aqui, asenhoreando-se além d'um antigo tumulo. Por isso nada ha mais phantastico do que o caracter que apresentam essas construcções ás vistas de um europeu. No meio das ruas traçadas ao acaso, levantam-se cones de pedra da alvura da neve e que terminam nos arredores da cidade, tornando-se quasi tão numerosos como as arvores de uma floresta. Entre esses cones ha alguns que tem mais de cem metros. São cavados no interior, e os diversos andares são ligados entre si por escadas. Emquanto ao numero, contam-se aos milhares. Compara-os um viajante com agigantados paulitos que se tivessem disposto a capricho n'um terreno immenso e profundamente accidentado.

(Trad.)

PINHEIRO CRAGAS.

OS PRODIGIOS DA NATUREZA

O ETNA

É o vulcão mais alto da Europa, e existe na Sicilia, ilha que faz parte do reino da Italia.

Tem tres vezes a altura do Vesuvio, isto é, o cume do Etna acha-se a mais de tres mil e trezentos metros acima do nivel do mar. Por isso, nada mais magestoso que o seu aspecto; e tambem nada mais rico, mais admiravel do que este monte considerado pelo lado pittoresco.

Observando-o com attenção, parece que o seu cone se compõe de muitas zonas sobrepostas que vão diminuindo de largura como vastos degraus de um amphitheatro gigantesco.

Todas estas alternativas de declives e de planos, desde a base até ao cume, estão longe de serem regulares, e se parecem indicar uma formação gradual do monte, a sua symetria tem sido muitas vezes perturbada pelos abalos convulsos e as erupções, e a lava, que o tem sulcado em todos os sentidos, tem preenchido os vales e formado por toda a parte uma multidão de crateras e de cones.

A maior parte das erupções do Etna não saem da cratera principal, apesar d'esta estar sempre aberta, sempre incandescente.

Quando uma causa terrivel e espontanea revolve de subito as torrentes inflammadas, que o Etna encerra nas entranhas, a violencia da explosão fende a maior parte das vezes o flanco da montanha, e dentro em pouco as escorias, as lavas e as cinzas expellidas da nova cratera, formam um monticulo, que subsiste depois da erupção, ficando como testemunha indestructivel e irrecusavel da furia do vulcão.

Fazem subir a cem o numero d'estes vulcões secundarios, e já algumas vezes uma só erupção tem produzido muitos.

As bases do Etna são cobertas de cidades, villas, aldeias, cujos habitantes, em meio dos ricos dons que a natureza lhes prodigalisa, esquecem o perigo que paira constantemente sobre elles.

A medida que se sobe, as habitações tornam-se mais raras, e as ultimas, que se encontram, são as que formam a aldeia de «Nicolosi», a «Casa

Ingleza» e a «Torre-del-Filosofo». Quanto á Nicolosi acha-se a uma altura de quatro leguas, e só lá se pôde chegar caminhando com grandes difficuldades sobre antigas lavas e crateras extinctas.

Quando ha alguma erupção, a cratera começa por vomitar um fumo muito espesso e chuvas de cinzas, que devastam o territorio adjacente. Em seguida expelle a altura immensa pedras inflammadas e rochedos de tamanho enorme.

Depois de tudo isto formar uma verdadeira montanha, a lava irrompe na base d'essa montanha, arrebatando tudo quanto encontra, e só a detem o mar, onde vac precipitar-se.

Tal é a marcha ordinaria de uma erupção.

Conta-se que já se tem visto as erupções lançarem, á altura de muitos milhares de pés, grandes rochedos em braza, produzindo um ruido mais formidavel que o da trovoadá. Que força de projecção! Alguns dos pedregulhos tem levado vinte segundos a descer!

Desde a era christã contam-se quarenta grandes erupções.

A mais terrivel foi a de 1669; depois de ter abalado toda a região circumvisinha, por espaço de quatro mezes, e formado uma montanha de pedras e de cinzas, fez irromper a lava quasi uma milha a cima de Mont-Pelieri, e descendo com impetuosa torrente, veio bater no meio d'este monte.

Diz-se que o atravessou de lado a lado; contudo, duvida-se muito d'este ultimo facto, porque a conformação do monte ficaria alterada, o que não succedeu.

É, porém, certo que o rompeu até grande profundidade, dividindo-se em seguida em dois braços que cingiram a montanha, indo unir-se da parte do sul.

Devastou em seguida toda a região que demora entre Mont-Pelieri e Catania, escalou os muros d'esta cidade, e foi desaguar no mar.

Diz-se que na sua passagem destruiu as propriedades de quasi trinta mil pessoas, que ficaram reduzidas á mendicidade. No sitio onde existiam valles, formou collinas, e entulhou um lago estenso e profundo, do qual hoje não se vê o menor vestigio.

Tendo os effeitos d'esta catastrophe deixado nos espiritos profundas recordações, contam-se a este respeito muitas historias singulares.

Ahi vae uma que é incontestavel, embora pareça incrível.

Uma vinha pertencente a um convento de Jesuitas, achava-se exactamente no transito da lava. O terreno da vinha era provavelmente formado por alguma antiga camada de lava, talvez pouco espessa, por baixo da qual havia grande numero de cavernas e de fendas.

A lava liquida entrando n'estas cavernas e fendas, depressa as encheu, e foi levantando a vinha, de modo que os jesuitas, que esperavam a todo o momento vê-la desaparecer, viram, pelo contrario, que todo o campo principiava a mover-se.

A vinha derivou sobre a superficie da lava até grande distancia, e apesar de já destruida na sua maior parte, ainda hoje subsistem d'ella alguns restos.

Foi esta erupção, que destruiu quasi metade da cidade de Catania e matou vinte mil dos seus habitantes.

Os moradores do Etna superior são um tanto

rudés e selvagens. Conta um viajante que chegando uma vez a uma aldeola que domina Nicolosi, todos os aldeãos se reuniram em volta d'elle e da sua gente, mostrando disposições pouco benevolas, principalmente as mulheres, que tem ali mais auctoridade, porque no Etna o sexo forte é muito indolente, só tendo energia para fazer desempenhar ao sexo fraco os mais duros trabalhos.

Foi tal o tumulto e assuada, que as damas do Etna fizeram aos viajantes, que estes tiveram de fechar a porta da casa onde se alojavam, e ellas só soccegaram quando o hospedeiro lhes disse que aquella gente vinha ali por simples curiosidade, e era christã.

Não fóra só por suspeitarem dos sentimentos religiosos dos viajantes que ellas os recebiam tão mal, era tambem por suporem que iam em busca de thesouros escondidos, que aquella gente supõe existirem nas regiões do Etna.

Não ha muito que as erupções d'este vulcão se repetiram; não foram porém tão formidaveis como, por exemplo, a de 1669.

CARLOS DE SEPULVEDA.

UMA FESTA DE BENEFICENCIA

NO

PALACIO DE CHRYSTAL DO PORTO

Ha occasiões em que se revela muito do que existe verdadeiramente nobre e elevado na humanidade; occasiões nas quaes um grupo superior manifesta bem evidentemente que, se frequentes são, no mundo, as cousas mesquinhas e más, tambem existem, n'elle, as cousas grandes e boas.

A colonia ingleza do Porto, herdeira das tradições brilhantes das passadas, que tanto contribuíram para o engrandecimento commercial e industrial d'este paiz e que tem ininterrompidamente continuado a historia de honradez e trabalho que os seus maiores principiaram, solemnizou, no dia 21 de fevereiro, no Palacio de Chrystal no Porto, um brilhantissimo concerto musical. Desde bastante tempo a colonia estrangeira do Porto se reune n'um club artistico onde emprega dignamente as horas d'ocio, nos intervallos de trabalhos misteres. Quando deixam os seus Bancos, os seus estabelecimentos de commercio, em que se elabora a riqueza de Portugal, esses homens distinctissimos, de superiores doles intellectuaes, dedicam-se ao cultivo das bellas artes, em que primam, formando assim um meio social de importante significação civilisadora para a terra que habitam.

A reunião internacional dos cultores das bellas artes no Porto effectua-se no *Salvini amateur singing club*.

O nome de Salvini dado a este club, é justa homenagem prestada por quem tem verdadeira consciencia da supremacia esthetica das produções artisticas do homem que desde longos annos estabelecido em Portugal, tem honrado a lingua do seu paiz de adopção, fazendo-a, pela primeira vez, servir de pedestal á formosissima estatura da melodia.

Por ora, ainda se não comprehende bem, n'este paiz, geralmente, qual é o grande serviço prestado a Portugal por quem escreveu o inspirado *Romanceiro* com poesia portugueza. O tempo virá. O reconhecimento popular é como a flor do cacto. Primeiro cresce a planta revestida de innumerables espinhos, mas, um dia, do meio das agudas deflezas, desabrocha a purpurea flor de mil petalas e annuncia o fructo saboroso. É certo que quasi sempre, a flor da justiça precisa, para desabrochar, da terra sepulchral do laureado. É tão melindrosa a planta, leva tanto tempo a medrar!

Já estava povoado pela numerosa e muito selecta assembleia dos espectadores, o vasto salão de Gil Vicente, que fora adornado com esmerado gosto.

Era para notar-se a grande proporção de senhoras que, pela sua presença e elegantissimas toilettes, aformoseavam extraordinariamente o conjunto. Deixara-se ao impulso espontaneo de cada um a escolha da dadiva, com que contribuisse para o generoso fim do concerto, que era soccorrer a classe piscatoria, victima do rigor da invernia. A cada instante ouvia-se refinar o argentino som á porta do theatro, e a pyramide de dinheiro que significava lagrimas enxutas, fo-

mes saciadas, desesperos mitigados, crescia incessantemente.

À hora aprazada, deu-se o signal do principio da festa. A orchestra fez ouvir alguns accordes preliminares e ergueu-se a tela.

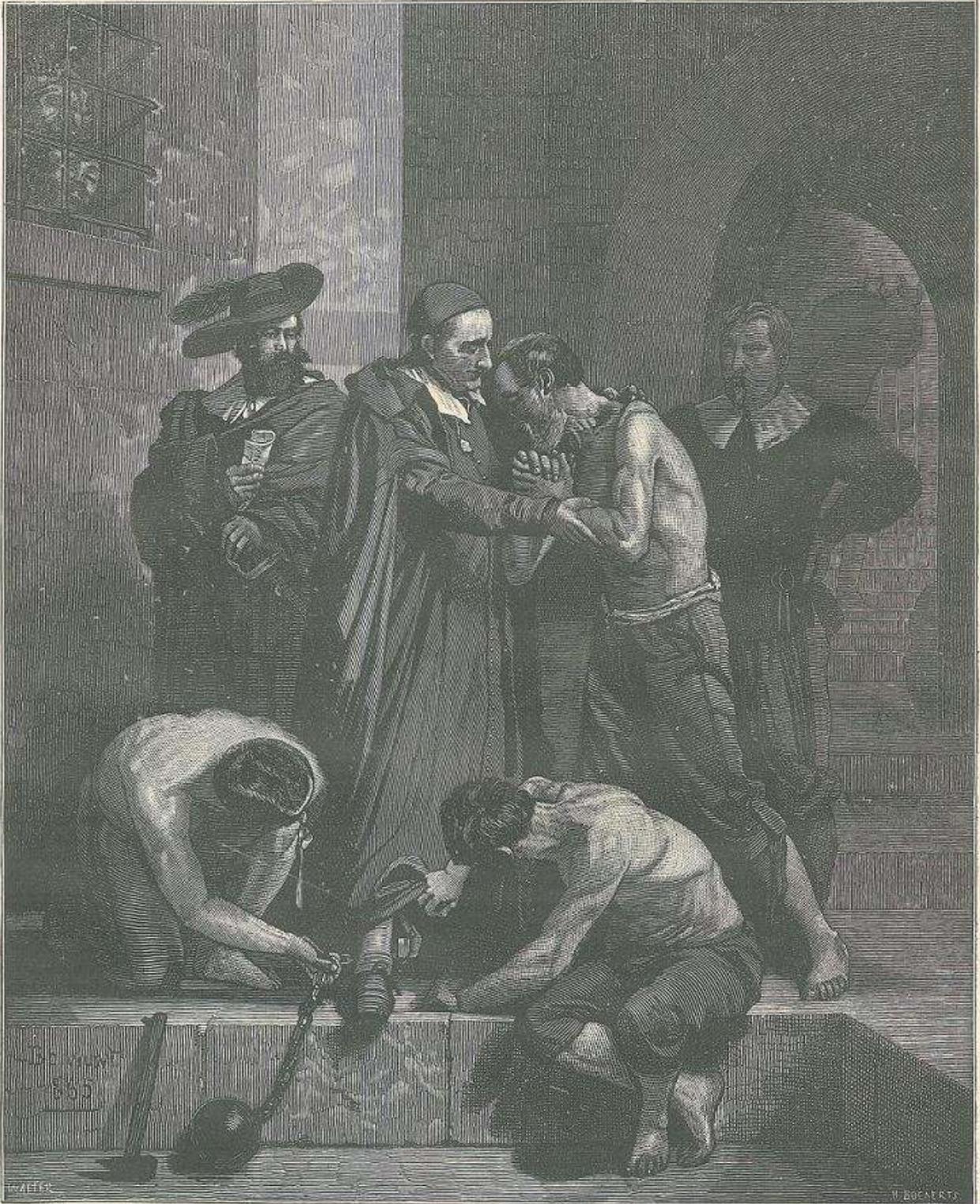
Entrou no palco uma pleiade illustre. Eram os srs. Sal-

instrumentos, estiveram á altura do primor d'arte que diziam.

Seguia-se o quartetto «*The two roses*» pelos srs. Ritson, Roughton, Smith, Adms. Estes cavalheiros são, na verdade, dotados de senso artistico superior e as vozes extremam-se por notaveis perfeições; mas, posto muito se esperasse, ex-

baritono do Trovador, sendo perfeitamente acompanhado pelo côro das senhoras e mais socios do club.

O duetto seguinte, que era o de soprano e tenor da *Sonambula*, foi hem cantado pela ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos e pelo sr. Gleunie.



S. VICENTE DE PAULO

vini, Smith, Marques Pinto, Ricci e H. Guichard, que vinham apresentar uma obra prima, de extraordinario merecimento: o quintetto dedicado a Salvini, por Ch. M. Widor para piano, orgão, rebecka, violoncello e flauta.

Resistimos á tentação de contar as deliciosas impressões que em nós produziu este quintetto; notaremos unicamente quanto o violoncello, a rebecka de Marques Pinto, e os outros

cedeu toda a expectativa a superioridade do conjuncto. Este quartetto é para vozes sem acompanhamento algum, e os cantores pela sua admiravel afinação, expressão e o timbre sympathico das suas vozes, chegavam a produzir a impressão de harmonias produzidas por um instrumento unico de estranhas faculdades.

O sr. Henrique Kendall cantou dramaticamente a aria de

A romansa *Odi Tu* de Tito Matei desempenhada pelo sr. E. Atkinson causou muito prazer.

Foi no duetto de tenor e baritono *d'il barbiere*, que se puzeram em relevo as vozes e as aptidões dramaticas dos srs. Ritson e Roughton. Esse duetto, escripto com todas as difficuldades vocaes da primeira maneira Rossiniana, encontrou nos cavalheiros que mencionamos, interpretes de primeira catego-

ria, e que raras vezes lhe succede nos mais affamados theatros.

O sr. Rawes, que possui voz de baritono muito sympathica cantou com o seu primor uzual a romansa *Eri tu de um ballo in maschera*.

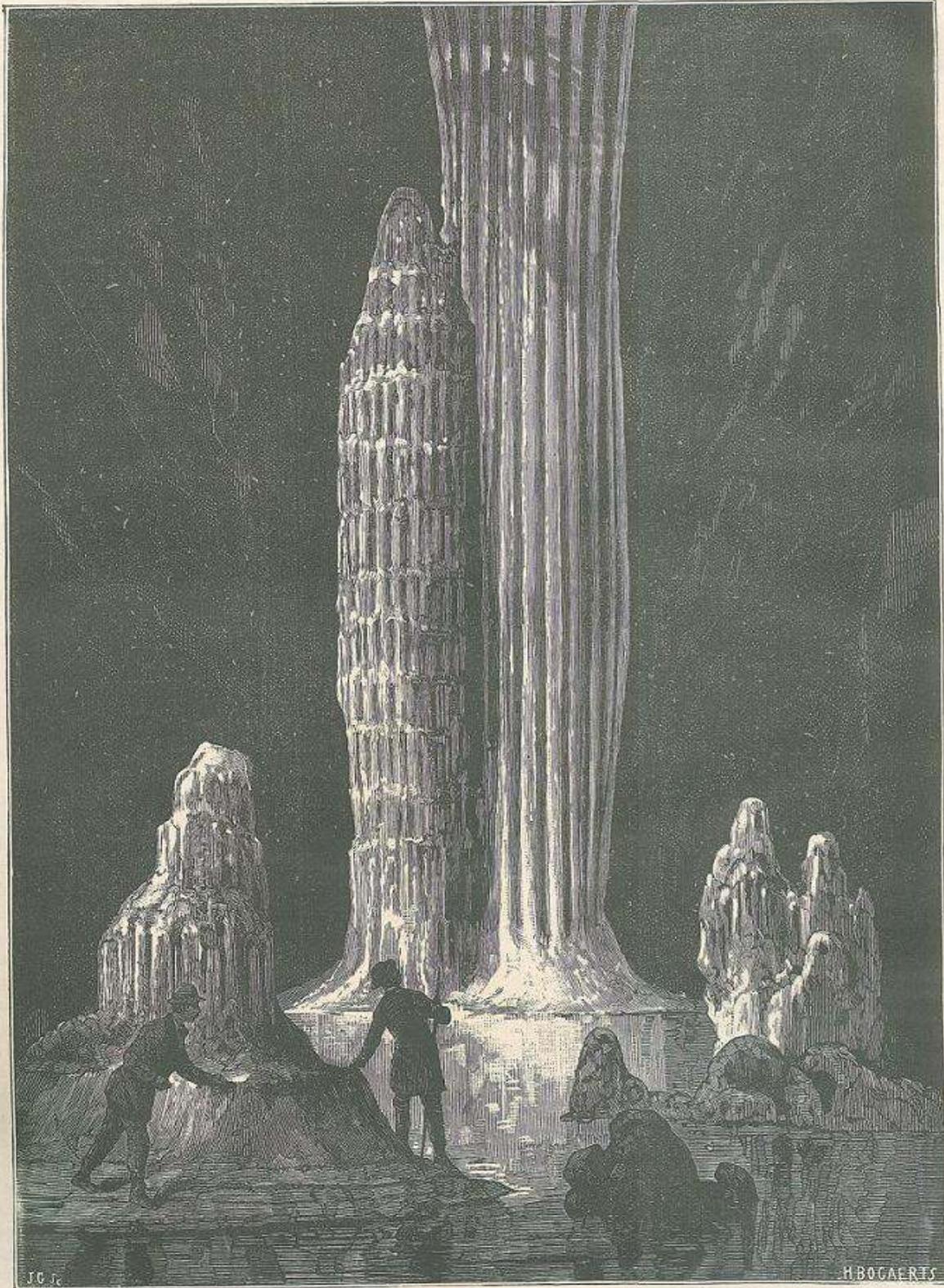
aproxima. É o canto dos infelizes que, despehados no abysmo, interrompem a sua queda fatat segurando-se a uma debil flor.

O seu fragil amparo já cede, e a escura fauce de precipicio espera as laceradas victimas.

Na verdade, quem teve a ventura de presenciar a interpre-

A pessoas com grande pratica dos theatros lyricos ouvimos que a voz de tenor do sr. Ritson é a mais suave e a melhor timbrada que hoje existe. Somos d'essa opiniao.

A grande scena do *miserere* do Trovador desempenhada pela ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos, sr. Ritson e coros, fechou



A GRUTA DE LURAY (VIRGINIA)

Foi depois d'esta romansa que entraram no palco a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos e o sr. Ritson que cantavam o duetto de soprano e tenor de Ernani: *Ah morir potessi adesso*.

É talvez a melhor joia da formosa partitura de Verdi o duetto que citamos, tão repassado de ternura, de dor e em que se traduzem os mais apaixonados sentimentos com os olhos fitos nas negras nuvens, da mysteriosa procella que se

tação de D. Leonor Bastos e Ritson, sente que as suas mais rigorosas exigencias para a representação da obra prima do poeta e do artista, foram plenamente satisfeitas.

D. Leonor possui, não somente extensissima voz, perfeita em toda a sua magnitude, cheia de suavissimas e energicas inflexões, mas igualmente é dotada da fina percepção das situações dramaticas como toda a natureza superiormente artistica.

com chave d'ouro a primeira parte do concerto. Não somos d'aquelles que admiram na generalidade a primeira opera laureada do maestro Verdi. Julgamos ate que é uma das suas inferiores, mas seria deixar-se levar muito longe por um preconceito, negar o grande merecimento da scena que é verdadeiro titulo justificativo para a immortalidade da opera Verdiana. Ao que era de esperar de quem se encarragara da inter-

proteção do miserere correspondeu plenamente o desempenho. A lugubre preguiça dos que imploram a misericórdia divina para aquelle que vai morrer, o desespero da infeliz Leonor, a dolorosa saudade do captivo trovador, essa situação tão eminentemente trágica em que se inspirou o genio ardente do cantor italiano, foi, com surpreendente propriedade reproduzida pelas pessoas que se associaram na sua representação.

Passado o intervalo que o programma designava, deu principio á segunda parte do concerto o trio para soprano, tenor e barítono, de Attila que é o mais saliente d'essa opera e que foi dito primorosamente pela ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos e pelos srs. Ritson e Kendall. Os coros cantaram depois com grande maestria o alegre que precede a romansa do baixo de Macbeth, em que o sr. Adams fez ouvir a sua voz potente e expressiva, e revelou altas faculdades dramaticas.

O terceiro numero da segunda parte do concerto foi preenchido pelo duetto, para soprano e barítono, da opera Macbeth. Disseram o duetto a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos e o sr. W. Roughton. É de extrema difficuldade esta musica cujo desempenho esteve ao nivel das primeiras scenas lyricas da Europa.

O sr. Kitson, depois, cantou a romansa de tenor da opera Maria de Rohan. Essa voz privilegiada produziu, logo ás primeiras notas um estremecimento de enthusiasmo no auditorio. Sem esforço algum apparente, puras e commovidas, voaram essas phrases melódicas espalhando suavissimas impressões. Este amador realisa o que a muitos afamados cantores de officio é defeso, e pôde afirmar quem o ouviu que teve a fortuna de conhecer uma das mais melódicas e bem timbradas vozes de tenor. A melhor de todas, iamoz dizer, mas preferiamos dar mais amplitude á nossa affirmação. Contudo diremos que, para nós, é a primeira voz de tenor que temos ouvido. Ella é também conjuvada pela agradável presença e condigna intelligencia dramatica do cantor.

Seguiu-se o sr. Roughton que cantou, na lingua portugueza, a formosa romansa de Salvini: *Eu não gosto nem brincando dizer adeus a ninguém.*

Quem procurar n'esta romansa os lugares communs da arte e as estafadas formulas campanescas, fica necessariamente desapontado. N'esta romansa, traduzem-se delicadamente as mais finas cambiantes da saudade, com a verdadeira eloquencia do coração. O sr. Roughton, na sua interpretação primorosa servido por excellente e commovida voz deu a conhecer que tinha seguido os preceitos d'uma escola de primeira ordem. Expressava-se elle n'uma lingua que lhe era pouco familiar, com tal elegancia de accentuação tão commovidas emphases, que bem mostrava quão intelligentemente comprehendera essa delicada obra prima. Em muitas memorias gravou o sr. Roughton indelevelmente uma recordação de vivo prazer.

Com inexcelsível maestria a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos cantou uma formosa romansa da opera Martha: *Essey mesta.* Esta romansa foi escripta pelo maestro Flotow já depois de publicada a opera, e não apparece nas primeiras edições da Martha. É um verdadeiro bijou melódico a que a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos deu todo o brilho e fulgor.

Os srs. Kitson, Roughton e Kendall no terçetto em caracter de *Crispino e la comere*, produziram illusão geral.

O theatro Gil Vicente achou-se transformado, para os ouvintes, em theatro lyrico principal.

É impossivel designar superioridades em tão igualmente perfeito terçetto, devemos mencionar, contudo, o sr. W. Roughton, o inspirado interprete da romansa portugueza. O seu jogo scenico é admiravel, a sua voz altadissima e perfeitamente disciplinada.

Terminou este esplendido concerto com a canção da Azucena do Trovador pela ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Bastos acompanhada pelos magnificos coros.

Foi terminação magistral e que esteve, na verdade, a par dos melhores trechos de concerto.

N'esta solemnidade em que, por tão dignos motivos prestaram a sua preciosa collaboração os mais talentozos estrangeiros do Porto, seria em vão tentar esculhir nomes, porque todos estão á mesma altura: diremos, unicamente, que os coros foram dos mais perfeitos que temos ouvido, e que uma sociedade artistica que em seu seio conta os nomes de Leonor Bastos, Kitson, Roughton, Kendall, Adams e os mais, pôde ufanar-se de ser das primeiras do mundo civilisado.

GASTÃO MESSEK

CEPHALOPODIO GIGANTE

CAPTURADO NA COSTA DA TERRA NOVA

Julgou-se durante muito tempo que os monstros marinhos, dotados de pernas numerosas e

extraordinariamente compridas, só existiam na imaginação de marinheiros ignorantes e rudes, cujas narrações eram consideradas como fabulas pelos homens da sciencia.

É certo que se conheciam polypos e sibas de dois metros de comprimento, mas não havia noticia exacta e fidedigna de haver sido encontrado um d'esses gigantes, cujas pernas segundo affirmavam os pescadores scandinavos, tocavam a parte mais elevada dos mastros.

A duvida, porem, foi de todo em todo dissipada e a ninguem é hoje licito duvidar do que se reputava ser pasto de imaginações supersticiosas e credulas.

Em 1861 o aviso a vapor francez *Alecton* encontrou perto de Teneriffe um polypo, cujo corpo media approximadamente seis metros de comprimento; mas por infelicidade, não foi possível apanhá-lo, senão parcialmente depois de uma caça de tres horas. O monstro subira á superficie do mar em virtude de uma violentissima tempestade, que tinha durado quatro dias.

Annos depois, foi arrojado á costa da Terra Nova outro monstro da mesma familia, também em seguida a uma tempestade. O corpo tem tres metros de comprimento e dois metros e trinta centímetros de circumferencia. É dotado de dez pernas ou tentaculos, medindo as duas mais largas nove metros e trinta e oito centímetros e as outras tres metros e trinta centímetros de comprimento.

Os olhos que na occasião em que o monstro foi capturado, tinham uma expressão feroz e selvagem, medem dezenove centímetros de diametro.

Este animal pertence á ordem dos cephalopodios, genero dos molluscos. Antigamente todos os cephalopodios eram chamados polypos, isto é, que tem muitos pés.

Hoje porém só se dá esse nome aquelles, cujas pernas são em numero de oito e pouco mais ou menos eguaes em comprimento.

Aos cephalopodios de dez pernas, duas das quaes são notavelmente mais compridas, dá-se o nome de *calmars*. Por consequencia o monstro, cuja descripção acabamos de fazer, é um calmar, que foi transportado para o aquarium de Nova York, onde attrahe grande numero de curiosos.

Quando o monstro foi descoberto depois da medonha tempestade, que o arrancou ás entranhas do mar, e o arremessou á costa, apresentava uma cor de tijolo, um vermelho escuro. Algum tempo depois tornou-se de um branco sujo, o que denotava que tinha morrido. Para ser mais facilmente transportado, cortaram-lhe os tentaculos, e durante a viagem deterioraram-se-lhe os olhos. Todavia, tal como está, é ainda um notavel specimen dos monstros, cuja existencia foi negada, e de que hoje como dissemos, a ninguem é licito duvidar.

ÉLIE BERTHET

O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SÁ)

(Continuado de pag. 24)

Pelo seu trabalho, o tanceiro recebera algumas moedas de cinco francos; mas mal suspei-

tava elle, que no momento em que se concluia a installação, e elle retirava todo alegre, Leão murmurava em tom zombeteiro:

— Agora nós, meu valentão! Somos como dois ratos mettidos, sem alimento, na mesma caixa; é preciso que um de nós devore o outro!

Durante dois ou tres dias, Leão nada deu a conhecer dos seus projectos. Quando os trabalhos do palacio o não prendiam, fazia o seu giro, conversando muito ás boas com as pessoas com que existira até então fallar.

Depois, poz-se a procurar pela casa um objecto que de per si pouco valia e que sabia que ali se devia achar, e encontrou-o muito facilmente, porque em casa de Hermano tudo costumava ficar aberto, portas, armarios, e podia-se correr toda a casa sem difficuldade e sem restricções.

Finalmente, na vespera do dia fixado para o casamento de Theresa e de Lerond, casamento para que estavam convidados Leão e Hermano, o pintor ao entrar em casa deparou no limiar da porta com o tanceiro que tomava o fresco fumando a sua cachimbada.

Como Hermano deitasse para o seu locatario um olhar obliquo e desconfiado, este parou e disse-lhe n'um tom duvidoso:

— Amigo Hermano, tenciona esta noite tomar chá no meu quarto... quer tomar uma chavena commigo?

Hermano, fossem quaes fossem os seus sentimentos secretos, pareceu lisongeadado por este convite de um homem da cidade.

— Como quizer, senhor, respondeu; mas deixe-me dizer-lhe que só tomo chá quando estou doente, e depois... não gosto muito de agua quente.

— Olha a criança! julga você, que nós lá em Paris também gostamos de agua quente?... Nós costumamos deitar na agua um copito de velho rhum ou de velho cognac, e affianço-lhe que então não tem nada de repugnante.

— Ah! n'esse caso, sim! retorquiu Hermano.

Apesar da sua satisfação apparente, sempre perguntou de si para si quando se viu só: o que me quererá elle? Dá-me tanto mel!

Da sua parte, o artista entregava-se no seu aposento a varios preparativos que podiam parecer singularmente mysteriosos.

Dispoz as cadeiras de uma certa maneira e certificou-se de que o fecho da janella funcionava facilmente. Em seguida vestiu uma especie de casaco curto, justo na cintura, e que n'uma lucta não offerencia pega ás mãos do adversario.

Finalmente, na algebeira de um lado do casaco, metten um revolver de seis tiros depois de se certificar se estava inteiramente carregado, e podia desfechar perfeitamente.

Terminadas estas disposições, accendeu um charuto, e poz-se alternadamente a assobiar e a cantarolar, como era o seu costume.

Hermano não tardou a sabir; Leão confeccionou um chá que, pela variedade dos ingredientes, era um chá por ali além. Teve porém, o cuidado de evitar que a parte alcoolica não dominasse muito, o que nas actuaes circumstancias seria muito perigoso com um gigante tal como o tanceiro Hermano.

Este enguliu, pois, a agua quente, sem grande repugnancia; e o artista acompanhou o banquete com uma das suas historias chocarreiras.

De certo que a historia era apropriada á intelligencia do seu ouvinte, porque Hermano, apesar

da reserva de que diligenciava não sair, ria a bom rir.

Passou-se assim uma parte da noite.

Talvez Hermano perguntasse a si mesmo se era só para o divertir que Leão Girard o tinha feito subir a sua casa. Mas a scena mudou bem depressa.

Ao concluir a sua divertida narrativa, Leão levou a sua cadeira para o outro lado do quarto, de modo que a pesada mesa ficasse entre elle e Hermano. Depois disse com apparente tranquillidade.

— Fallemos mais a sério... Descobriu-se afinal o assassino do seu sogro?

Esta pergunta foi como um balde de agua fria que repentinamente despejasse sobre a cabeça de Hermano. Estremeceu, tornou-se-lhe sombrio o rosto e respondeu rudemente:

— Não.

Como Girard lhe observava todos os movimentos, o tanoeiro acrescentou:

— Porque me pergunta isso?... Conte-me antes as suas pêtas de Paris, que teem mais graça.

— Acha? Mas vamos que a minha provisão de riso está esgotada por hoje...

E espere, logo que duvida da minha palavra, eu o vou convencer contando-lhe a historia do tal patife. É curiosa e poderá divertil-o.

Trata-se de um sujeito que é forte como um boi e manhoso como uma serpente. Mas a sua velhacaria, que engana os tolos dos camponios, não me engana a mim; e quanto aos seus punhos solidos, tambem se lhe pôde responder... Ouça, pois.

Hermano tinha decididamente recuperado a serenidade.

— Eu bem dizia, é alguma nova caçoada. Ainda que o assumpto não me agrada, não tenha duvida.

— Oh! oh! fazes-te muito forte! murmurou Leão rindo; mas não consegues nada.

E continuou após um momento de silencio:

— Imagine, Hermano, que o patife de que se trata não era a primeira que fazia, quando assassinou o guarda Martinho.

Estreara-se com um crime ainda mais horrivel; matára covardemente, de noite, a pobre mulher e uma creança que ella trazia no seio...

— Quem lhe disse isso? interrompeu Hermano impetuosamente.

— Espere lá!... ahi está a minha historia a interessal-o!...

Ninguem me disse nada; mas eu bem sei, tenho a certeza... supponha que vi!... Uma noite, o meu desavergonhado obriga a pobre da mulher a levantar-se para fazer não sei que trabalho de casa, e como ella não obedecia com bastante ligeireza, arrastou-a pelos cabellos, e espancou-a com furor. A desgraçada não gritou, não confiou a ninguem este acto abominavel, e morreu depois com o filho.

Nos olhos de Hermano lia-se uma expressão de surpresa e de terror de que é impossivel dar uma idea.

— Você... você é o diabo! titubeou elle; como pôde saber?...

— Pois o diabo não sabe tudo!

Deixe-me continuar... Tendo ficado com uma filha pequena que não lhe faz grande peso, porque foi recolhida por uma parenta, o meu patife, que desejava tornar a casar, e namorava uma ho-

nita viuva da vizinhança, desejou pouco depois desembaraçar-se tambem do seu sogro. A coisa era tanto mais urgente, que o dito sogro tinha alguma fortuna de que parecia dever dar cabo em pouco tempo.

Tinha elle sido reprehendido por diversas vezes, tinha sido ameaçado e até espancado um pouco; mas era trabalho baldado. O tal maldito sogro continuava a comer, e principalmente a beber, o que era seu, e era preciso chamar as coisas à ordem quanto antes.

Contra o costume dos homens da terra, o meu labrego não tinha espingarda, e apresentou provas de que nunca a pedira emprestada. Em compensação, possuia uma detestavel pistola de dois tiros e de pederneira à qual faltava um cão, e que toda a gente da aldeia se lembra de ter visto na mão d'elle, quando atirava por occasião de casamentos e em dias de festa.

O tiro bom da pistola falhava muitas vezes; quanto ao tiro mau, o que não tinha cão, era preciso largar-lhe fogo com um phosphoro, o que não será commodo para caçar as perdizes a vôo...

Não obstante, foi com esta arma que o genro, habituado a manejar-a, resolveu matar o sogro. Foi collocar-se de emboscada n'um sitio por onde sabia que o Martinho devia passar a certas horas. Oculto com uma moita, esperou com impaciencia... Assim que avistou o guarda, accendeu um phosphoro e largou fogo à escorva... O tiro acertou, e era mortal.

Isto, porém, não satisfiz o assassino; saiu do esconderijo, correu para o infeliz que estava por terra, e desfechou segundo tiro. Depois, n'um accesso de raiva feroz, bateu-lhe no rosto com a pistola e fugiu. Não se diga, acrescentou Leão Girard, que isto são apenas supposições! Os factos são precisos, authenticos, incontestaveis. Brou e o seu companheiro ouviram os dois tiros, dos quaes, o primeiro, o que partiu por effeito de um phosphoro, produziu, por signal uma luz, intensa. O phosphoro queimado foi encontrado pelos magistrados instructores, como se vê no auto; finalmente, os dois pedaços de metal que mataram o guarda são exactamente do calibre da pistola...

Em quanto escutava esta narrativa, Hermano tinha as feições decompostas; agitavam-se-lhe os do rosto, tinha os cabellos molhados de suor.

— Diga o senhor o que disser, volven, não basta avançar essas coisas, é preciso tambem provar-as.

— Ora essa! pois não estão provadas? Posso se for preciso, apresentar aos juizes a pistola enferrujada que toda a gente viu nas mãos do culpado, e que foi o instrumento do crime.

Hermano olhou finalmente para o artista, e levantando-se de um pulo, foi abrir a gaveta de um movel pequeno e velho que se achava na extremidade do quarto.

Não foi demorado o seu exame. Voltou para a lareira, dizendo com voz ameaçadora:

— A pistola!... que fez da pistola?

Leão Girard andava em roda da meza, de maneira que esta lhe ficasse sempre entre elle e o terrivel colosso.

— Ha de encontrar-se, retorquiu sem se commover, pelo menos apparentemente; está em lugar seguro... Era um objecto sem valor algum, e não tinham julgado necessario escondel-o; por isso dei facilmente com elle, e depressa saberá o que lhe fiz.

D'esta vez a raiva succedera ao temor no intimo de Hermano. Os olhos parecia que lhe saltavam.

— A minha pistola! uivou; quero a minha pistola!

— A sua não tenho; replicou o artista friamente; tenho porém a minha, e essa não erra nunca fogo!

Ao mesmo tempo apresentou o revolver, e, Hermano viu a guela do instrumento de morte na direcção do seu peito. Socegu logo, e ficou immovel. Leão Girard depois de o ter por algum tempo sob a sua pontaria, disse-lhe com ar affavel.

— Vamos, volte para o seu lugar, sr. Hermano; não ganharia nada em mostrar um mau caracter... Poderia matal-o como um cão, e sabendo o que sei, não teria que recer nealuma perseguição. Quanto ao senhor, se me fizer o menor mal, dentro de vinte e quatro horas será preso; tomei as minhas precauções, como lhe explicarei brevemente.

Hermano hesitou, mas acabou por se deixar cair na cadeira, ao pé do lume.

Então Girard poz o seu revolver em cima da mesa e encheu socegradamente uma chavena para si.

Depois proseguiu:

— Com que então, a minha historia diverte-o! Pois o que me falta contar é o mais divertido. Vae ver como o meu espertalhão procedeu para embaçar a policia e para tornar seus cumplices muita gente que nem suspeita similhante coisa.

Ao ir para Bois Brule, com a sua pistola na algibeira, passou por casa da Huberto e entrou.

Não estava ninguem em casa, mãe e filha tinham ido para casa das vizinhas.

À cabeça do maroto acudiu uma esperteza, e resolveu aproveitar a occasião de preparar o que se chama uma coactada de ausencia. Fez parar o relógio da Huberto e retirou-se precipitadamente. O crime foi committido às seis horas; por volta das seis e meia o meu homem torna a apparecer. A Thereza e a Huberto já estavam em casa. Fez-lhes notar que tinham o relógio parado, e puxando do seu, que elle de proposito atrasara, provou-lhes que eram apenas seis horas.

Ahi está porque é que as duas mulheres juram por tudo quanto ha que n'aquelle dia, às seis em ponto, o senhor... o culpado, estava em casa d'ellas.

— Pois ellas disseram isso? Então a Huberto e a filha pretendem?...

— Valha-me Deus! ellas, as pobres mulheres, não pretendem nada! Affirmam simplesmente que lhe disseram as horas, quando tinham o relógio parado. Não veem o alcance do facto, como tambem o não veem as senhoras vizinhas que se dão com ellas, e ninguem suspeita... Mas em questão de velhacarias, ouça uma coisa mais séria.

Não bastava ao assassino de Martinho arranjar testemunhas de defesa. Convinha-lhe tambem fazer cair suspeitas sobre um innocente, que apresentasse apparencias de culpabilidade. Perto de Rivecourt morava um guarda, excellente creatura que em outros tempos tivera suas questões com o defunto, por causa de um delicto de caça. O meu vadio lembrou-se de accusar o guarda do assassinato de Martinho. Dá volta à cabeça da gente da terra, diz-lhe que a justiça não cumpre o seu dever, e resolve-os a armarem-se com as espingardas ferrugentas e a irem a casa do supposito

culpado... Então, não era uma esperteza!... Das duas, uma: ou o guarda podia ser morto no motim, e então attribuir-se o facto ao exaspero da populaça, á legitima vingança de um genro virtuoso, e o morto não poderia justificar-se; ou não se conseguia o assassinato, mas desviavam-se dos verdadeiros culpados as suspeitas e designava-se aos magistrados aquelle que a opinião publica accusava...

Repito, o homem que machinava isto, era um espertalhão! Nada conseguiu, porém. A força armada e os magistrados intervieram muito cedo; o guarda conseguiu desculpar-se... O que prova, Hermano, concluiu o artista em tom sentencioso, que á habilidade e á esperteza succede o mesmo que á virtude, nem sempre são recompensadas sobre a terra!»

mais precisas para que a verdade se torne brilhante como a luz do dia. Depois de assignar o papel e de o sellar com o sello das minhas armas, metti-o n'uma caixa com a famosa pistola enferrujada, que toda a gente da terra vio nas mãos do culpado; depois lacrei a caixa e levei-a para casa do tabellião, a quem dei as seguintes instrucções: Se lhe constar alguma vez que me succedeu alguma cousa, a mim, Leão Girard, pintor, ou se eu deixar sequer de me apresentar de vinte e quatro em vinte e quatro horas no seu escriptorio, pegará n'essa caixa, leval-a-ha ao commandante dos *gendarmes*, que a abrirá na sua presença, e o senhor fará então... o que deve fazer.» O tabellião deu-me a sua palavra de que as instrucções seriam pontualmente executadas. Se, portanto, o meu patife tivesse a idéa de me

toria o interessa muito, e as historias que eu conto por aqui e por acolá, raras vezes teem uma tal acceitação... Não importa! trate de dormir, e sobretudo não queira levantar-se de noite. Faz mal.

Parece que a principio Hermano julgava que este conselho occultava uma armadilha. Não obstante, levantou-se com esforço e encaminhou-se para a porta com um passo vacillante.

Á porta voltou-se e pareceu hesitar.

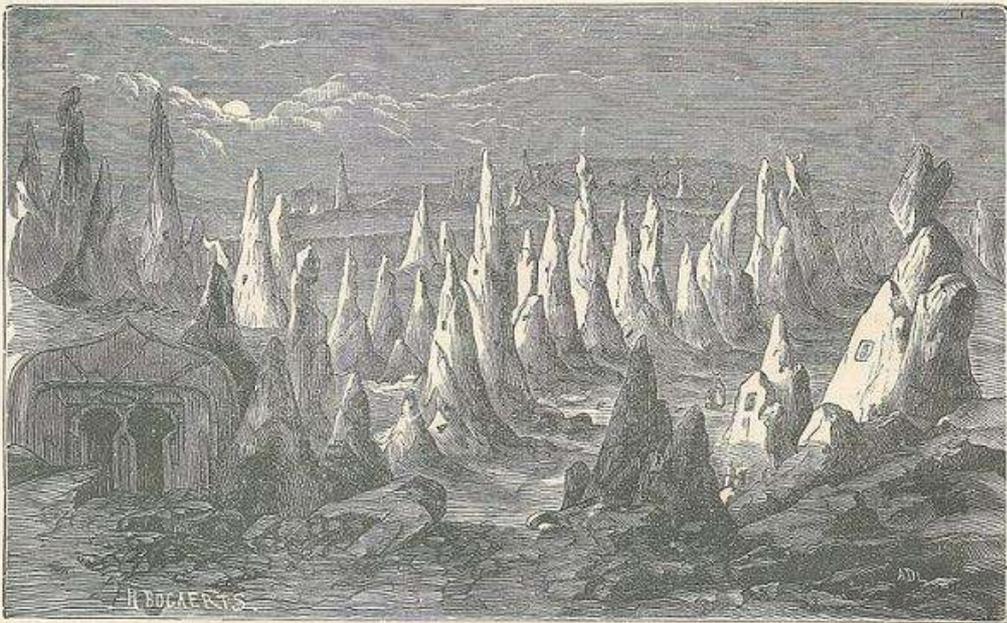
Em pé, de traz da meza, com a mão no revolver, Leão seguia-o com os olhos.

— Boas noites, senhor, disse Hermano.

— Boas noites, repetiu o artista.

A porta fechou-se e ouviu-se um passo pesado descer a escada.

Mas só depois de Hermano se recolher ao quar-



VISTA DA CIDADE DE URGUB

Leão saboreou lentamente a sua chavena de chá.

Hermano estava aniquilado.

Agachado, com a cabeça entre as mãos, afigurava-se-lhe que só um ente sobrenatural poderia ter descoberto semelhantes segredos, e media aterrado a profundidade do abysmo em que se afundava.

Perguntou com uma voz apenas perceptivel.

— Em summa, o que é que quer? Que resolução vae tomar?

— Affianço-lhe que não sei lá muito bem. Para lhe fallar com franqueza, repugnava-me muito denunciar um homem e fazer cair a sua cabeça. ainda que esse homem fosse tão sclerado como aquelle de quem estamos fallando. Por outro lado, não me soffreria o animo deixar-lhe a liberdade de commetter novos crimes... Em summa, eu verei, eu examinarei... Entretanto, como o sujeito em questão é tão vigoroso como traidor, fique sabendo de que precauções eu lancei mão contra elle. Esta manhã, escrevi n'um papel, com a maior minuciosidade todas as bonitas coisas que acabo de lhe contar. Nomeio as pessoas que podem servir de testemunhas, dou as indicações

fazer alguma traição, de nada lhe serviria isso, porque se lhe pediria conta dos seus crimes... Demais, estou disposto a defender-me e havia de lhe custar.

— Mas, repito, que espera? Que quer fazer d'esse desgraçado que tem á sua discrição?

— Quero que elle me obedeça em todas as coisas, da maneira mais absoluta... Resolvo que a sua vontade e as suas acções estejam subordinadas ás minhas ordens... E depois, veremos!...

— Elle obedecerá, senhor, retorquiu Hermano, vertendo algumas lagrimas fugitivas; elle deverá obedecer como um escravo, como um cão... Não tem remedio senão obedecer! O senhor possui o poder e a sciencia do enfermo.

Leão sorriu. Um e outro calaram-se outra vez por alguns minutos.

— Quer mais chá? perguntou finalmente o artista com o seu tom mais socegado.

Hermano olhou para elle com admiração, como se não tivesse comprehendido o que lhe diziam.

— Se não quer mais chá, continuou Leão, não o reterei por mais tempo. Sei que o senhor tem o costume de se deitar muito cedo... Portanto, boa noite, durma bem! Parece que a minha his-

to, é que Leão abandonou a sua attitude ameaçadora.

O seu primeiro movimento foi ir á porta, cujo fecho correu.

Feito isto, veio sentar-se em frente do lume e poz-se a fumar um charuto.

(Continua)

EXPEDIENTE

Roga-se a todos os srs. assignantes a quem não tenha sido entregue regularmente a nossa folha a fineza de enviarem as suas reclamações ao escriptorio da empresa Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

— Lisboa.